

GÊNERO E A HISTÓRIA SOCIAL DAS MULHERES; O SURGIMENTO DO CLUBE DE MÃES DA ZONA SUL DE SÃO PAULO SOB A INFLUÊNCIA DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO NO INÍCIO DA DÉCADA DE 1970.

Carlos Alberto Nogueira Diniz
Doutorando Unesp/ Assis
Bolsista CAPES

RESUMO

Nesse trabalho procuro analisar o surgimento dos Clubes de Mães da Zona Sul de São Paulo sob a perspectiva da Teologia da Libertação no início da década de 1970. O Clube de Mães da Zona Sul de São Paulo foi durante as décadas de 1970 e 1980 um importante espaço de luta das mulheres, em especial as mulheres pobres da periferia que através das reuniões e das mobilizações puderam resignificar seu papel enquanto mulher, mãe e cidadã. O surgimento dos Clubes de Mães na Zona Sul de São Paulo aconteceu em um contexto de repressão política e pobreza para a maioria dos trabalhadores que migravam para as grandes cidades brasileiras em busca da sobrevivência e de uma vida melhor, nesse caso a região sul da periferia de São Paulo. Através das entrevistas e dos arquivos foi possível problematizar as várias motivações que levaram essas mulheres a promover a partir do Clube de Mães uma participação política em um sentido mais amplo. O Clube de Mães que surgiram a partir de uma perspectiva assistencialista de senhoras da classe média do Lions Clube e acabou sendo o início de um movimento de cunho social, político, religioso e contestatório em relação a realidade excludente da família dessas mulheres. A partir dos registros da experiência dessas mulheres é possível construir uma análise que coloque a questão de gênero no centro da problemática histórica, ou seja, mulheres que a partir de sua realidade agiram e construíram relações de classe, política e de identidade.

Palavras-chave; Clube de Mães, gênero, história social, teologia da libertação

O Clube de Mães da Zona Sul de São Paulo foi durante as décadas de 1970 e 1980 foi um importante espaço de luta das mulheres, em especial as mulheres pobres da periferia que através das reuniões e das mobilizações puderam resignificar seu papel enquanto mulher, mãe e cidadã.

Nesse sentido é necessário entender os enfrentamentos políticos que essas mulheres fizeram abrange uma perspectiva de classe, gênero e raça, porque o que provocou a ruptura com o modelo tradicional de formação para mães foi justamente a percepção do conflito e das contradições que envolviam a classe, gênero e raça.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



É interessante notar que a problemática da “consustancialidade” de Danièle Kergoat, que abordaremos na segunda parte deste texto, foi elaborada a partir do final dos anos de 1970 em termos de articulação entre sexo e classe social, para ser desenvolvida, mais tarde, em termos de imbricação entre classe, sexo e raça. Embora ambas partam da intersecção, ou da con-sustancialidade, a mais visada por Crenshaw no ponto de partida da sua conceitualização é a intersecção entre sexo e raça, enquanto a de Kergoat é aquela entre sexo e classe, o que fatalmente terá implicações teóricas e políticas com diferenças bastante significativas. Um ponto maior de convergência entre ambas é a proposta de não hierarquização das formas de opressão. (HIRATA, p.63, 2014)

Essas mulheres quando perceberam que não eram “típicas mulheres brancas de classe média” e que dificilmente seriam aceitas enquanto tal e começaram a enxergar a si mesmas e a realidade que as cercavam. Esse despertar não aconteceu de maneira instantânea, mas através de todo um processo de formação, mobilização política e religiosa.

O processo de sociabilidade, de construção de uma identidade coletiva foi sendo construído por mulheres que muitas sofriam as mesmas angústias e dilemas em relação a vida. A pobreza, a falta de perspectiva profissional, as dificuldades da vida cotidiana agravada por uma rotina doméstica muitas vezes alienante, os maus tratos do marido, enfim todos esses aspectos em comum contribuíram para o processo de emancipação ainda que lento dessas mulheres.

O alto custo dos alimentos e as péssimas condições de vida da maioria das mães de família da periferia da região sul de São Paulo fez com que as experiências compartilhadas por essas mulheres fossem um elemento fundamental para a mobilização por melhores condições de vida. Nesse sentido, o envolvimento de comunidades ligadas a setores progressistas da Igreja Católica foram de vital importância para a organização dessas mulheres.

No Brasil já havia movimentos católicos progressistas de jovens formados muitas vezes por leigos, antes do surgimento da Teologia da Libertação. Entre eles: a JUC (universitários), a JOC (operários), a JAC (camponeses), o MEB (Movimento de Educação de Base) e a Ação Popular Católica.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



A Teologia da Libertação¹ surge como uma diretriz de organização e mobilização das classes populares, principalmente a partir dos trabalhadores e das periferias de grandes cidades como São Paulo.

No final dos anos 70, no Brasil, quando se falava em novos movimentos sociais, em encontros, seminários e colóquios acadêmicos, tinha-se bem claro de que fenômeno se estava tratando. Era sobre os movimentos sociais populares urbanos, particularmente aqueles que se vinculavam às práticas da Igreja católica, na ala articulada à Teologia da Libertação. A denominação buscava contrapor os novos movimentos sociais aos ditos já velhos, expressos no modelo clássico das sociedades amigos de bairros ou associações de moradores (GOHN, 2006, p. 281).

A esquerda tradicional no Brasil (Partido Comunista Brasileiro)² jamais conseguiu mobilizar tantos trabalhadores quanto os grupos de base e pastorais sociais, que souberam dar voz a esses operários e camponeses.

As CEBs constituem o fenômeno eclesiológico e sociológico mais significativo das últimas décadas do segundo milênio na América Latina. Não dispomos de documentação que possibilite a identificação rigorosa da origem dessa maneira inovadora de ser Igreja, no entanto, no Brasil, algumas experiências são tidas como pioneiras (SANT' ANNA, 2004, p. 67).

¹ À dependência entre o centro e a periferia se deveria opor um processo de ruptura e libertação. Portanto, desfazia-se para a teologia do desenvolvimento e se criavam os fundamentos teóricos para uma teologia da libertação. As bases reais e materiais só foram dadas quando os movimentos populares e os grupos cristãos já se encontravam militando no sentido de uma libertação completa e integral. Foi então que surgiram as condições objetivas de uma autêntica teologia da libertação. BOFF, Leonardo & BOFF Clodovis. **Como fazer Teologia da Libertação**. Petrópolis RJ, Editora Vozes, 2001, p.111.

² Num aparente paradoxo, o momento de maior influência de massas do PCB e de maior maturidade de sua elaboração política e estratégica acabaria por se tornar o início de seu declínio e de um longo processo de reestruturação da esquerda brasileira, em cujo término, já em meados dos anos 80, emergiria, como organização hegemônica desse campo político, o Partido dos Trabalhadores. O declínio do PCB não se caracterizaria antes de 1964, ainda que tenha sido no início da década de 60 o momento em que surgiram as primeiras alternativas de esquerda importantes, dedicadas justamente a criticar o que consideravam uma política de conciliação de classes, presente na Declaração de Março. A derrota da política de março de 1958, em março de 1964, foi o elemento que desencadeou a diáspora comunista ... O ascenso dos movimentos populares dos anos 70, fortemente identificados com o pensamento cristão de base e, evidentemente, o advento do novo sindicalismo contribuiriam ainda mais para reforçar um aspecto que sobrevivera, para muitos dos revolucionários dos 60, à derrota da luta armada: a rejeição à política, nos termos como esta era compreendida pela tradição de esquerda precedente, fosse ela comunista ou social-democrata... MONTENEGRO, Darlan F.A Esquerda Contra a Política: organizações guerrilheiras e renúncia à estratégia no período da luta armada Revista Estudos Políticos, Número 2, abril 2011, p.3 e p.6

Realização:



Apoio:



Um aspecto importante da Teologia da Libertação foi a capacidade de inculturação³ de costumes do povo simples e, a partir da cultura popular local, a construção de espaços de luta e democracia em tempos de autoritarismo. Os leigos não somente ganharam espaço de participação na igreja, mas também de resistência política.

As periferias de São Paulo cresceram para todos os lados atraindo trabalhadores que buscavam empregos principalmente nas empresas metalúrgicas, de autopeças e na construção civil. Operários mesmo sem estudo conseguiam empregos em indústrias que produziam produtos de alta complexidade e valor agregado. Na Vila Remo segundo Odete Marques no início da década de 1970 não havia coleta de lixo, o lixo tinha que ser insinerado pelos próprios moradores. Não havia asfalto e água encanada, as crianças tinham que andar muito para conseguir ir para escola, o que era praticamente impossível quando chovia.

As mulheres carregavam água em vasilhas na cabeça para o uso doméstico, algo muito comum naquela época. Carregar água infelizmente era uma tarefa diária quase sempre incumbida as mulheres e crianças seja nas favelas, periferias ou pelo interior do Brasil. Segundo Maria Freitas havia grande dificuldade com o banho e a higiene das crianças pois as moradias eram muito simples e muitas vezes os moradores dividiam o poço e a casa com os migrantes principalmente para não dormirem no relento ou em contato com lama. Era comum cozinhar panelas grandes de sopa e polenta para ter comida e alimentação limpa para famílias numerosas e sem estrutura nenhuma que chegavam o tempo todo em São Paulo.

O transporte coletivo era precário e somente vinham até as localidades já urbanizadas, aqueles que moravam nos bairros mais distantes sofriam para poder se locomover na cidade. Muitos utilizavam as bicicletas e cavalos para poder se locomover para o trabalho, estudos ou lazer.

Segundo José Donizetti Martins liderança comunitária da Vila Remo a primeira e única linha de ônibus da região do M'Boi Mirim foi Vila Remo- Santo Amaro que começou a circular na década de 1950.

³ Inculturação é apropriar-se de elementos da cultura do outro, facilitando assim o diálogo entre grupos sociais e culturais diferentes.

Realização:



Apoio:



Segundo Maria Freitas⁴ militante do Clube de Mães muitos migrantes chegavam a região de Santo Amaro vindos do interior de São Paulo, do Paraná, de Minas Gerais e do Nordeste sem nenhum recurso. Essas pessoas vinham muitas vezes sem documentos suficientes para obter um emprego na fábrica. Sem moradia muitas dessas pessoas passavam meses vivendo em barracos de lona ou madeira, dependendo da ajuda da Igreja Católica e dos vizinhos.

As crianças brincavam e se divertiam do jeito que dava. Não havia creches e isso dificultou muito para que as mães pudessem trabalhar fora de casa nas indústrias e com isso melhorar o orçamento doméstico. Os quintais eram grandes e de terra batida, as crianças inventavam brincadeiras simples como futebol, bolinha de gude, pipa e os famosos carrinhos de rolimã que desciam as ladeiras em meio a poeira das ruas de terra.

Nas periferias faltavam todos os serviços básicos, inclusive igrejas. Em uma cidade como São Paulo era quase impossível para a arquidiocese construir paróquias em todos os bairros que surgiam. Nesse cenário, as CEBs proliferaram em toda São Paulo aglutinando pessoas de vários setores da sociedade, mas principalmente formando lideranças entre o povo mais simples.

Com a implementação da Operação Periferia, as CEBs floresceram em toda a cidade de São Paulo, imprimindo à colossal Arquidiocese um caráter de descentralização eclesial singular (SANT' ANNA, 2004, p. 65).

As demandas sociais desse período eram muitas, não só em relação aos direitos humanos e políticos, mas também no que se referia às necessidades básicas, como alimentação e moradia. Nesse sentido, movimentos como a Pastoral Operária e o Movimento Custo de vida também refletiam os anseios da sociedade por mudanças.

Com os espaços de participação reduzidos pela repressão da Ditadura Militar, a Igreja Católica passou a ter um papel essencial como espaço de organização dos trabalhadores e dos movimentos sociais.

Na história dos movimentos sociais ocorridos em São Paulo nos anos 1970, os clubes de mães ocupam um lugar de destaque, e entre estes ressaltam particularmente os da periferia sul. Lá, entre as

⁴ FREITAS, Maria. São Paulo julho de 2016. Os Clubes de Mães da Zona Sul de São Paulo. Entrevista concedida a Carlos Alberto Nogueira Diniz.

Realização:



Apoio:





margens de Guarapiranga e a estrada do M'Boi-Mirim, a igreja de Vila Remo parecia um centro irradiador de organizações populares.(SADER, p.199, 1988)

Os Clubes de Mães principalmente os da Zona Sul de São Paulo foram espaços de mobilização social, política, religiosa e de libertação de mulheres simples que a partir da autonomia e organização fizeram enfrentamentos extremamente importantes para a conquista de melhores condições de vida.

Mas como começaram os clubes de mães? Quando nos falamos sobre isso, suas participantes nos transmitem uma referência aparentemente contraditória. Ao mesmo tempo que falam da existência de clubes de mães anteriores a essa década, elas não titubeiam em datar o começo da “sua história” no início dos anos 70 e, às vezes, mais concretamente, em 1972, na igreja de Vila Remo. Seja pelos seus testemunhos, seja por outros registros, ficamos sabendo da existência de clubes de mães e formas similares de organização de donas de casa desde, pelo menos, o fim dos anos 50, patrocinadas às vezes pela prefeitura, às vezes por associações benevolentes, ligadas à Igreja ou a entidades como o Lions Clube. Nessas associações, algumas mulheres, previamente capacitadas, ensinavam outras, pobres e necessitadas, a bordar, costurar e fazer outros trabalhos manuais, além de transmitir instruções de higiene e saúde. (SADER,p.200, 1988)

Entre os movimentos sociais da Zona Sul de São Paulo os Clubes de Mães foram sem dúvida um dos mais importantes principalmente a partir do início da década de 1970. Mas existem registros que desde a década de 1950 já existiam clubes de mães organizados pela Igreja Católica, no qual mulheres geralmente ligadas aos Lions Clube e de classe média que tinham algum ofício, vinham ensinar as mães da periferia. Segundo as militantes Odete Marques e Conceição os primeiros clubes de mães organizados pelas próprias mulheres do bairro surgiram entre 1971 e 1972 nos bairros de Santa Margarida, Santa Teresa, Figueira Grande e Vila Remo. Com o tempo elas começaram a ficar desconfiadas e se sentir inferiorizadas pelas senhoras do Lions Clube, já que parte da produção do artesanato que elas produziam era comercializada em lojas no centro da cidade.

Além de apenas reproduzirem as atividades que lhes eram atribuídas Odete diz que havia uma separação visível entre as mulheres “caridosas” que vinham oferecer seus serviços e as mulheres da comunidade. Na região sul de São Paulo

Realização:



Apoio:



mães formavam à época pequenos clubes de início voltados para a convivência e o ensino de alguns ofícios, como costura e bordados.

Senhoras de classe média que participavam do Lions Clube através da Igreja Católica promoviam oficinas de artesanato com as mulheres da Vila Remo e bairros vizinhos. No curso aprendiam crochê, pintura de guardanapo, corte e costura entre outros afazeres domésticos. As orientações de higiene de acordo com Odete Marques não problematizavam a desigualdade e a sociedade injusta que elas viviam. Parecia que as mulheres da comunidade não eram higiênicas por ignorância e não por não terem condições de adquirir os produtos de limpeza.

“que se nós não tivéssemos pasta de dente para escovar os dentes, escovasse com bicarbonato, se nós não pudéssemos ter desodorante, que usasse limão, que também saía o cheiro”. (SADER, p.201, 1988)

As mulheres como Odete Marques, Conceição, Irma e o próprio Padre Luís da comunidade começaram a desconfiar dos benefícios que eram trazidos pela caridade das damas do Lions Clube, principalmente em relação a convivência e a comercialização da produção artesanal. Apesar de produzirem muito artesanato as mães não tinham nenhum controle sobre o destino e a comercialização dos produtos feitos por elas. Mesmo sentindo-se lesadas elas na época tinham medo e receio de contestar as damas do Lions Clube. Naquela época não havia ainda um protagonismo e iniciativa entre as mães da comunidade, apenas reproduziam os ensinamentos oferecidos sem nenhum questionamento.

Ela sabe que essas mulheres eram do Lions Club e que tinham chegado dizendo ao padre que queriam “fazer o bem, alguma coisa pelos outros”. Lembra que elas vinham uma vez por semana, traziam tecidos, traziam lã, traziam tudo que elas podiam imaginar e ainda traziam pessoas para cuidar das crianças enquanto elas se reuniam. Os trabalhos artesanais feitos nessas aulas eram depois vendidos em lojinhas especializadas, em lugares e esquemas que elas desconheciam. A ação de benevolência estabelecia uma tal distância entre assistentes e assistidas que estas mantinham um misto de gratidão e suspeita acerca da motivação das primeiras. (SADER, p.201, 1988)

A década de 1970 marcou o início de um clube de mães que passou a ter autonomia e ser organizado a partir da realidade e das necessidades dessas próprias mulheres. Deixaram apenas de reproduzir os valores e papéis

Realização:



Apoio:



estabelecidos a partir de uma visão do que deveria ser uma “mãe exemplar branca católica e de classe média” para serem protagonistas de sua própria história e da difícil realidade que as cercavam.

Odette Marques em entrevista⁵ relatou o fato que praticamente definiu que a partir daquele momento as mulheres da comunidade caminhariam sozinhas e com novas diretrizes para os trabalhos do grupo. Em uma festinha realizada para o clube de mães o padre Egídio percebeu que as mulheres do Lions Clube não se misturavam com as mães da comunidade, principalmente nas fotografias, sendo assim após a festa disse que a presença das damas de caridade do Lions Clube não seria mais necessária.

A decisão do padre Egídio no começo assustou e desagradaram algumas mães que gostavam da presença das mulheres do Lions Clube, mas foi um momento importante para que as próprias mães da comunidade assumissem os trabalhos e definissem as prioridades. Com o tempo, eles foram se tornando lugares de luta e de mobilização e neles passou também a se discutir a busca de melhores condições de vida e de serviços básicos que o Estado não oferecia com qualidade.

E aliás essa iniciativa do padre de Vila Remo correspondia a uma orientação geral de agentes pastorais da Igreja Católica. Desde o início dos anos 1970 um comissão conciliar coordenava atividades de evangelização entre a população mais pobre da zona sul, englobando cerca de 80 paróquias, em que a catequese tradicional já se vinculava aos temas da libertação e ao estímulo á participação coletiva. Padres, freiras e leigos usavam o método Paulo Freire para aulas de alfabetização, promoviam reuniões de casais em que chamavam a atenção para um novo sentido da existência, organizavam cursos profissionalizantes onde também opunham a necessária dignidade do trabalhador ao individualismo amoral da sociabilidade capitalista. Vinculando assim o cristianismo á ideia de uma existência comprometida com a luta pela justiça social, com a solidariedade, com a participação consciente na vida coletiva. Nesse sentido, a expansão das comunidades de base no mesmo período.(SADER, p.203, 1988)

Nas comunidades da região Sul a valorização do protagonismo dos leigos passou a ser uma das principais metas da Igreja Católica de São Paulo no início da

⁵ MARQUES, Odette. São Paulo julho de 2016. Os Clubes de Mães da Zona Sul de São Paulo. Entrevista concedida a Carlos Alberto Nogueira Diniz.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



década de 1970. Muitos agentes pastorais, sendo eles leigos ou religiosos pertencentes a ordens católicas, freiras, todos passaram a fazer um trabalho pastoral de formação bíblica e social.

Esses agentes de pastoral através dos cursos de formação popular ensinavam pessoas simples a ler os textos bíblicos a partir da realidade vivenciada por essas comunidades. Nos clubes de mães a reflexão bíblica feita a partir da realidade dessas mulheres tornou-se aos poucos o ponto principal das reuniões que em algumas comunidades aconteciam toda semana e em outras a cada quinze dias.

A possibilidade de refletir os textos sagrados entre as próprias colegas e partir de seus problemas e sofrimentos trazia motivação e liberdade para poder expressar os sentimentos e angústias dessas pessoas.

A constatação de um papel decisivo dos agentes pastorais na constituição das novas formas de organização relativiza a ideia de que estas foram criadas a partir da iniciativa das próprias mulheres, a partir das simples motivações brotadas no cotidiano delas. Em boa medida foram agentes pastorais que propuseram novos padrões para clubes de mães (fundados no objetivo de desenvolver a participação ativa de seus membros, de valorizar a noção da pessoa, de estimular a solidariedade grupal), que forneceram as referências culturais para isso (a leitura do Evangelho como parâmetro para julgar as injustiças da realidade cotidiana do grupo), que lhes ajudaram a passar das relações informais para a formalização de objetivos e meios necessários ao seu desenvolvimento, que lhes abriram um espaço social onde a mobilização social podia se dar relativamente protegida contra a repressão política, evitando as prevenções contra os políticos e as resistências dos maridos.(SADER, p.204, 1988)

A presença dos agentes pastorais e sua importância para a formação dos clubes de mães foi decisiva, isso não tira o protagonismo e autonomia das mulheres da comunidade, muito pelo contrário, reforça o papel emancipatório da educação em qualquer circunstância. Quanto mais tinham acesso a formação mais valorizavam o saber e a importância da educação para dignidade humana.

A metodologia de Paulo Freire⁶ utilizada pelos agentes de pastoral e educadores populares partia da realidade dos educandos, na maioria das vezes

⁶ Paulo Régis Neves Freire, educador pernambucano, nasceu em 19/9/1921 na cidade do Recife. Foi alfabetizado pela mãe, que o ensina a escrever com pequenos galhos de árvore no quintal da casa da família. Com 10 anos de idade, a família mudou para a cidade de Jaboatão.No ano de 1947 foi contratado para dirigir o departamento de educação e cultura do Sesi, onde entra em contato com a alfabetização de adultos. Em 1958

Realização:

Apoio:



pessoas pobres e simples para produzir o conhecimento. As mulheres que participavam dos Clubes de mães tinham saberes, mas ligados as questões do cotidiano e da vida, os educadores partiam desse princípio para formar lideranças e refletir a partir da vida o evangelho e as lutas sociais.

Dificuldades existiam, pois a maioria ainda estava acostumada a apenas ouvir e praticar uma religiosidade mais piedosa e de orações, ou seja, não tinham jamais conquistado a oportunidade de falar em público, de expressar suas opiniões e principalmente de serem ouvidas por outras pessoas.

Mas nada disso nega o fato de que efetivamente tratava-se de uma “organização pela base” e “por elas mesmas”. Quer dizer que tanto a possibilidade daqueles objetivos se realizarem quanto sua forma concreta dependiam do modo pelo qual cada grupo de mães da periferia assumisse sua participação, seu sentimento de solidariedade, sua noção de direitos, e desenvolvesse (ou não) práticas coletivas que dessem consequência a tudo isso. A história dos clubes de mães mostraria como efetivamente os propósitos genéricos dos agentes pastorais se materializaram (e se transformaram) no curso do desenvolvimento das práticas sociais. (SADER, p. 204, 1988)

A participação nos clubes de mães ganhou um aspecto formativo e de questionamento da sociedade e suas estruturas sociais. A possibilidade de ler e interpretar um texto sagrado como bíblia com outras mulheres de origem simples e pouca escolaridade produziu em várias militantes um sentimento de liberdade e autonomia em relação a sua vida e a forma de ver a religiosidade. Em São Paulo muitas dessas mulheres estavam longe das cidades de origem e do restante da família, portanto as reuniões também eram um espaço importante de socialização e partilha das aflições e dificuldades do cotidiano dessas mulheres.

participa de um congresso educacional na cidade do Rio de Janeiro. Neste congresso, apresenta um trabalho importante sobre educação e princípios de alfabetização. De acordo com suas ideias, a alfabetização de adultos deve estar diretamente relacionada ao cotidiano do trabalhador. Desta forma, o adulto deve conhecer sua realidade para poder inserir-se de forma crítica e atuante na vida social e política. No começo de 1964, foi convidado pelo presidente João Goulart para coordenar o Programa Nacional de Alfabetização. Logo após o golpe militar, o método de alfabetização de Paulo Freire foi considerado uma ameaça à ordem, pelos militares. Viveu no exílio no Chile e na Suíça, onde continuou produzindo conhecimento na área de educação. Sua principal obra, *Pedagogia do Oprimido*, foi lançada em 1969. Nela, Paulo Freire detalha seu método de alfabetização de adultos. Retornou ao Brasil no ano de 1979, após a Lei da Anistia. Durante a prefeitura de Luiza Erundina, em São Paulo, exerceu o cargo de secretário municipal da Educação. Depois deste importante cargo, onde realizou um belo trabalho, começou a assessorar projetos culturais na América Latina e África. Morreu na cidade de São Paulo, de infarto, em 2/5/1997.

Realização:



Apoio:



Eu costurava muito para fora e não tinha tempo pra nada. Quando ia à missa aos domingos, o padre tinha a mania de apontar o dedo e perguntar: Você! O que você faz durante a semana? Aquele você caía sempre em cima de mim e minha consciência dóia muito. Um dia soube de um grupo de mulheres que se reunia e decidi ir de qualquer jeito. Cheguei lá e as mulheres estavam tricotando e fazendo crochê e eu pensei: Isto ai eu quero. Eu já estou cheia de costurar! Depois veio a reflexão e eu achei interessante porque cada uma falava alguma coisa sobre o Evangelho com pessoas comuns. Antes era sempre na Igreja, onde só o padre o falava. No final da reunião, a irmã pediu para alguém assumir e reunião da semana seguinte e eu me ofereci. Só que depois disso acabei assumindo de vez. (SADER, p.205, 1988).

O clube de mães aos poucos foi ganhando um caráter político que abrangia desde a falta de escola, transporte, saúde e saneamento básico até o preço dos alimentos; foi assim que surgiu o Movimento Custo de Vida⁷ que, a partir das necessidades básicas, passou a contestar toda uma forma de organização social que excluía grande parte da população. O “custo de vida” foi a principal causa desses movimentos de bairro, pois os anos de arrocho salarial deixaram os trabalhadores com muitas dificuldades, visto que os salários não acompanhavam suas reais necessidades. Questionar os números do governo em relação aos preços e salários passou a ser uma forma importante de contestação.

Em 1973 a partir de uma conversa de duas mulheres do Jardim Nakamura surgiu a ideia de escrever uma carta reclamando do alto preço dos alimentos para o presidente, a carta foi apresentada no clube de mães a formatação ficou a cargo de Ana Dias esposa de Santo Dias, Dona Odete, Conceição Peres e Irma Passoni⁸. Em seguida a carta foi parar na imprensa e divulgada na radio, foi baseada em

⁷ O MCV surge (n.To com este nome) a partir de clubes de mães do M'Doi Mirim, na região sul de São Paulo. E' uma conjuntura marcada ainda pelo autoritarismo repressivo que acaba de sofrer suas primeiras fissuras com a vitoria eleitoral do MDB em 1974 - a submissão dos órgãos de repressão ao controle político do presidente Geisel em 1975- Desenvolve um trabalho exemplar de conscientizado na vizinhança . a partir do problema do aumento do custo de vida. Com o apoio e a proteção de setores da Igreja Católica se constitui em um canal de articulado de protesto social do qual se serve também o reprimido movimento operário.

⁸ DIAS, Luciana; AZEVEDO, Jô & BENEDICTO, Nair. **Santo Dias: quando o passado se transforma em história.** São Paulo, Cortez, 2004, p.162-170.

Realização:

Apoio:



pesquisas feitas entre 1973 e 1975 pelas próprias mães organizadas em suas comunidades e com apoio de bispos como Dom Mauro Morelli e Dom Evaristo Arns.

Depois de várias perseguições e de um árduo trabalho de pesquisa envolvendo mulheres principalmente da Vila Remo, os resultados eram divulgados na imprensa e nos meios de comunicação, a carta foi divulgada as autoridades em 1975.

Somos mães de família em desespero e, mais do que ninguém, sentimos os preços dos alimentos, remédios, escolas, roupas, sapatos, condução e aluguel de casa. Estamos cansadas dessa exploração. Há muitas crianças por aí mal alimentadas, por isso fracas, sem poder estudar, por causa do alto custo de vida, do salário baixo e da falta de vagas nas escolas⁹

O Movimento Custo de Vida conseguiu enviar uma delegação a Brasília para tentar ser recebida no Palácio do Planalto. As disputas ideológicas e divisões políticas esvaziaram o movimento depois de chegar ao auge em 1978, principalmente quando o PC do B domina sua direção e muda o foco das reivindicações, antes espontâneas. Até o nome do movimento mudou para Movimento contra a Carestia. O Clube de Mães da Zona Sul de São Paulo teve um papel importantíssimo na resistência a Ditadura Militar e na luta das mulheres por melhores condições de vida para suas famílias, contestando o regime a partir das privações do cotidiano essas mulheres deixaram o espaço privado para ir as ruas seja nas pesquisas de preços ou em protestos contra a carestia e a falta de escolas. Apesar da existência de clube de mães e outros movimentos similares em outras regiões do país, nenhum teve tanta importância e repercussão como o Clube de Mães da Zona Sul de São Paulo extremamente articulado com as CEB's, a Oposição Metalúrgica e a Pastoral Operária.

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo & BOFF Clodovis. *Como fazer Teologia da Libertação*. Petrópolis RJ, Editora Vozes, 2001.

CAMARGO, Célia Reis. Os centros de documentação nas universidades: tendências e perspectivas. In: SILVA, da Lopes Zélia (org.) *Arquivos, Patrimônio e Memória, trajetórias e perspectivas*. Editora UNESP, São Paulo, 1999.

⁹ Carta às autoridades, novembro de 1975. Centro de Documentação e Memória (Cedem) da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP).

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação





CORREA, Anna Maria Martinez. Os Centros de Documentação e Memória da Unesp. O Centro de Documentação e Memória (Cedem). In: SILVA, da Lopes Zélia (org.) *Arquivos, Patrimônio e Memória, trajetórias e perspectivas*. Editora UNESP, São Paulo, 1999, GOHN, Maria da Glória. *Movimentos e lutas sociais na história do Brasil*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

GOHN, Maria da Glória. *Novas teorias dos movimentos sociais*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

GOHN, Maria da Glória. *Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*, 5ª .ed. São Paulo: Loyola, Abril de 2006.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**: revista de sociologia da USP, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 61-73, 2014.

RAGO, Margareth. *Descobrimo historicamente o gênero*. Cadernos Pagu, 11: p.89-98, 1998.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entram em cena - experiência e luta dos trabalhadores da grande S.Paulo, 1970-1980*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SANT' ANNA, Silvio Luiz. *Santo dos nossos dias; fé, política e compromisso social no cotidiano de luta de um operário na Paulicéia dos anos 70*. São Paulo, Liber Edições, 1970.

SOIHET Rachel, PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. *Revista Brasileira de História*, vol. 27, nº 54, 2007.

TILLY, Louise A. "Gênero, história das Mulheres e História Social". Cadernos Pagu, 3:1994.

THOMPSON, Edward P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

Fontes Primárias

Fundo Clube de Mães da Zona Sul. Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da Universidade Estadual Paulista (UNESP)

ABSTRACT

In this work I try to analyze the emergence of the Mothers' Clubs of the Southern Zone of São Paulo from the perspective of Liberation Theology in the early 1970s. The Mothers Club of the South Zone of São Paulo was during the 1970s and 1980s an important Women's struggles, especially the poor women on the periphery who, through meetings and mobilizations, could resignify their role as women, mothers and citizens. The emergence of the Mothers' Clubs in the South Zone of São Paulo happened in a context of political repression and poverty for the majority of the workers who migrated to the great Brazilian cities in search of survival and a better life, in this case the southern region of the periphery from Sao Paulo. Through interviews and archives, it was possible to problematize the various motivations that led these women to promote from the Mothers Club a political participation in a broader sense. The Mothers Club that emerged from a caregiver perspective of Lions' middle-class ladies and ended up being the beginning of a social, political, religious and contestatory movement in relation to the exclusionary reality of the family of these women. From the records of the experience of these women, it is possible to construct an analysis that places the gender issue at the center of the historical problematic, that is, women who, from their reality, acted and built class, political and identity relations.

Key words; Club of Mothers, gender, social history, liberation theology

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação

